

SUMÁRIO

Introdução

Ética: vida boa para todos e todas 9

1 Educação e edificação da integridade coletiva... 15

2 Educação e fraternidade sincera: onde está teu irmão? 25

3 Educação e posturas acomodantes: fratura ética..... 37

4 Educação, política e ética: basta de alienação!... 47

5 Educação e responsabilidade: nada de “o amor aceita tudo”! 57

6 Educação e formação da convivência: autenticidade sem agressividade! 65

7 Educação e negação da hipocrisia:
desencantar o maléfico!..... 73

8 Educação, disciplina e persistência: querer
e poder, poder e querer! 81

9 Educação, escola e família: proteger o valor
do esforço e da dedicação..... 93

10 Educação, ética e prática docente: cada um
com seus problemas?..... 105

Conclusão

Sustentar o futuro, engrandecer a Vida! 115

CAPÍTULO 1

Educação e edificação da integridade coletiva

Somos um animal que não nasce pronto; temos de ser formados. Essa formação pode nos levar à vida como benefício ou à vida como malefício, da pessoa que é capaz de produzir benefício ou da que é capaz de produzir malefício. Todos e todas somos capazes de ambas as coisas. Afinal de contas, ética está ligada à ideia de liberdade. Ética é como eu decido a minha conduta. E a palavra “decido” é marcante porque sinaliza quais são os critérios e valores que eu uso para me conduzir na vida coletiva.

Não existe ética individual. Se a história de Robinson Crusóé, escrita por Daniel Defoe e publicada originalmente em 1719, não tivesse o personagem do índio Sexta-Feira, a questão ética não viria à tona. Só existe ética porque somos humanos. De maneira hipotética, ele poderia até tomar a natureza como o outro, mas essa percepção é mais recente entre nós, ela começa a ganhar forma a partir do século XX. Os séculos XVIII e XIX, com a industrialização

e depois com a mecanização, são calcados na anulação da natureza como o outro. Ela era tida como objeto e, portanto, passível de posse. Como se fosse algo do tipo: “Se ela é propriedade, eu faço o que quero”. A ideia da ecologia é uma questão ética porque passamos a tomar a natureza como o outro, não como objeto. Outro exemplo: a escravatura só é rompida como concepção teórica no Ocidente quando se passa a defender a ideia de que qualquer outro é outro, não é uma coisa. A descoisificação é que vai conduzir a essa visão.

Isso é algo que se imaginaria superado, mas ainda não. Algumas pessoas olham o outro como objeto — objeto do seu interesse, do seu desejo, do seu mando —, não como outro, e rompem essa percepção.

A ideia dos últimos dois séculos da natureza como outro vai introduzir uma referência: ética é convivência. A vida, acima de tudo, é condominial. *Domus*, do latim, significa “casa”, versão do grego *ethos*. No grego arcaico, casa é *óikos*, no primeiro conceito era *ethos*, a “morada do humano”, usado até o século VI a.C. como “o nosso lugar”, aquilo que nos caracteriza, o nosso *carácter*. Não é casual que os lusitanos coloquem o “c”, porque aí está o que nos caracteriza. O que nos dá identidade é onde nós vivemos, o mundo que nos cerca.

Mas a noção original de *ethos* não se perdeu, pois os latinos a traduziram para expressão *more* ou *mor*, que acabou gerando para nós também uma dupla concepção: uma delas é morada; a outra, que vai ser usada em latim, é o lugar onde se morava, que era o *habitus*. *Habitus* é onde nós vivemos, o nosso lugar, a nossa habitação. Quando se diz que “o hábito não faz o monge”, está se fazendo uma referência ética. Não é porque você usa o hábito de

franciscano que você vai se comportar como tal. Na casa de Francisco, na casa de Domingos, na casa de Bento... Porque hábito está ligado à casa de origem.

Nesse sentido, quando se diz “quem sai aos seus não degenera”, não é verdade. Porque a casa de origem pode ser degenerada na fonte. E, às vezes, como brinco eu, “quem sai aos seus não regenera”. Volto ao polo: *ethos* é a morada do humano, o nosso lugar, o que nos dá origem. Qual é a minha gênese? Qual o meu gene, qual é a minha genética? Qual a minha comunidade? Qual a minha tribo? Qual o meu clã? Eu sou isso com esse grupo. Nesse sentido, a palavra *ethos* tem o sentido mais abstrato. Os gregos chamam de *ethos* aquilo que nos dá identidade. Como não nascemos prontos, seremos formados a partir de um princípio básico, que é o da liberdade de escolha — que poderá ser benéfica ou maléfica em relação à minha comunidade.

Se a vida é o lugar onde vivemos juntos, o nosso planeta, o nosso país, a nossa cidade, a nossa escola é onde vivemos juntos. É a nossa casa. Nessa casa, o que nós queremos e o que não queremos? O que nós consideramos saudável para a vida não se desertificar e o que consideramos doente, indecente, obsceno, portanto não aceitável?

O grande questionamento é: como está a nossa possibilidade de sustentar a nossa integridade? A integridade da vida individual e coletiva. A integridade daquilo que é mais importante, porque uma casa, *ethos*, é aquela que precisa ficar inteira, que precisa ser preservada.

Eu sou alguém que quer preservar a integridade. Logo, a minha casa tem de ficar íntegra, tem de ficar inteira. Quanto mais

claros os princípios, mais lucidez eu terei para lidar com os dilemas. Não é que deixarei de tê-los, mas eles ficarão mais fáceis de serem resolvidos se eu tiver como razão central a integridade.

O que é uma pessoa íntegra? É uma pessoa correta, que não se desvia do caminho, uma pessoa justa, honesta. É uma pessoa que não tem duas caras. Qual a grande virtude que caracteriza uma pessoa íntegra? Ela é sincera. A palavra “sinceridade” tem várias acepções. Uma das mais recentes tem como fonte não comprovada certa “etimologia popular”, tendo a ver com uma prática da marcenaria. No século XIX, quando o marceneiro errava no manejo do formão na confecção de móveis (aqueles chamados de coloniais), ele pegava cera de abelha e passava naquele lugar para disfarçar a marca deixada na madeira. Em vez de fazer de novo, ele fingia que estava tudo certo com aquele móvel passando cera de abelha. Nesse contexto, nasceu a expressão *sine cera*, que significa “sem cera”. Portanto, uma pessoa sincera é aquela que não disfarça o erro, ela o assume.

Integridade é um fundamento ético que deve ser internalizado e praticado. Concepção e prática. Esses são dois polos que ajudam a compreender os conceitos de ética e de moral. São conceitos correlatos e conectados, mas não têm sentido idêntico, pois, enquanto ética é o conjunto de valores e princípios que orientam a minha conduta em sociedade, a moral é a prática desses valores na ação cotidiana. Exemplo: tenho como princípio ético que “o que não é meu não é meu”; encontro um celular no chão da sala de aula, devolvê-lo ao dono é um ato moral. A razão para fazê-lo é um princípio ético.

Ética (como conjunto de princípios e valores) e moral (a prática que se desdobra a partir deles) são algo a ser vivenciado. Essa

vivência acontece prioritariamente na família, como instituição de origem e destino, e secundariamente na escola, como instituição formal de Educação. Por isso, também, mas não exclusivamente, se aprendem na escola. Vale observar, entretanto, que o tempo de permanência de uma criança ou jovem no ambiente escolar será sempre menor do que em outros territórios, o que exige parceria das partes envolvidas na formação de crianças e jovens.

Até porque o mundo intraescolar e o mundo extraescolar não são universos estanques ou separados. Em termos de formação, o aluno carrega o que aprende nos ambientes que frequenta. Toda instituição social (família, escola, mídia, empresas, igrejas etc.) tem uma ação que é simultaneamente inovadora e conservadora; em outras palavras, conserva condutas e valores e, ao mesmo tempo, é capaz de inovar atitudes e percepções. É exatamente esse movimento que evita rupturas bruscas na nossa convivência, sem deixar de alterar essa mesma convivência. Nessa direção, cabe à parceria entre família e escola desenvolver atividades que auxiliem crianças e jovens a não se alienarem ou se iludirem com os conteúdos e temas aos quais são expostos. A melhor maneira de fazer isso é introduzir nos diálogos a “suspeita sistemática”, sem se aproximar da paranoia ou da descrença militante. Ao acompanhar um programa de TV, a navegação em um site, a leitura de um livro, é providencial abrir espaço para a dúvida e a reflexão que procurem os fundamentos de verdade ali contidos, em vez de se contentar com as aparências do que se afirma ou mostra.

E isso nos serve também para refletirmos sobre o nosso papel na docência. Com alguma frequência, sou indagado se o professor ou a professora se tornará um mediador de conteúdos, dado que

o contato com outras fontes de informação fora da escola também é bastante intenso. Costumo responder a essa pergunta com outra pergunta: “E quando não o fomos?”. Quando nós não fomos mediadores? Supor que um aluno já chegue formado não é algo que faça sentido. Supor que o docente construa a ponte entre aquilo que o estudante não sabe e o que saberá é o que sempre existiu em Educação. A grande diferença hoje é que um professor mais inteligente leva em conta aquilo que o aluno já sabe, para que ele comece a saber aquilo que precisa saber.

É o que o educador Paulo Freire (1921-1997) denominava universo vivencial do aluno, a leitura do mundo. É um equívoco supor que o aluno seja um vaso absolutamente vazio em que se vai colocando coisas dentro. Em que momento da nossa trajetória nós não fizemos a mediação? Nunca deixamos de fazê-lo. Fomos mediadores sempre, em todos os tempos. Agora se tem isso com uma atenção maior porque se valoriza a capacidade que o aluno carrega de lidar com um mundo com um volume muito maior de informação circulante.

Muitos chamam atenção para as mudanças que ocorrem no mundo. Mas isso não chega a ter um tom de novidade. Afinal, o mundo sempre mudou. A novidade é a velocidade com que as mudanças ocorrem no nosso dia a dia. Houve um incremento da velocidade das alterações, o que exige de nós, na área de educação escolar, também uma atenção maior à nossa formação continuada. E só se forma aquele que sabe que ainda não está pronto. Para isso, é preciso humildade. O que é humildade? É saber que você não é perfeita ou perfeito. Eu aprecio essa palavra, “perfeito”, porque, em latim, significa “feito por completo”, “feito por inteiro”, isto é, “concluído”.

E um educador sabe que não está perfeito, não está concluído, não está terminado. Esse é um sinal de humildade que ajuda a crescer, o que, quando desejamos edificar uma convivência decente, requer de nós a urgência de nos prepararmos ainda mais para os desafios éticos.

Frequentemente em debates, pais e mães me perguntam: “Num mundo de alta competitividade, com muita disputa no dia a dia, se eu formar meu filho para o bem, ele não ficará prejudicado? Meu filho correrá o risco de não ter uma carreira de sucesso? Ele ficará preparado para este mundo, se for alguém marcado pela bondade?”.

Se imaginarmos que o parâmetro é o mundo do jeito que está, o menino será preparado para ser um canalha. Se for prepará-lo para fazer um outro mundo, ele tem de se tornar apto a enfrentar a canalhice, e não para conviver com ela. Há uma diferença entre adaptação e integração. Não somos um animal de adaptação, mas de integração. Quando alguém se adapta a uma situação, é por ela absorvido. Quando alguém se integra, passa a fazer parte. Quando adaptado, é parte, tem uma postura passiva. Quando integrado, faz parte, a postura é ativa.

Preparo meu filho para viver nesse mundo de competitividade, de “cada um por si e Deus por todos”? De modo algum, eu o preparo para não sucumbir nesse mundo. Isso significa que vou preparar um inocente? Não, vou preparar alguém que tenha competência para saber que a convivência decente é o horizonte que se almeja. E, como tal, não se pode admitir que eu vá me adaptar, porque a adaptação é uma desumanização. Nós somos um ser de integração, enquanto outros seres têm uma relação externa. A própria ideia de

que eu vá me conformar, nesse meu ponto de vista, é negativa. Não tenho de formar pessoas que se conformem. Tenho de preparar pessoas que sejam capazes de viver nesse meio, sem por ele serem derrotadas. Não ignorá-lo, não brincar de Poliana, supor que as coisas estão bem, ou brincar de Cândido, personagem de Voltaire (1694-1778), cujo mestre, Pangloss, em meio a uma carnificina brutal, ensinava que ele vivia no melhor dos mundos. Não é para fingir que o mundo é bom, mas sim para levá-lo em conta do modo como é, para que ele seja reinventado.

Pode-se dizer até que isso é romântico. Ótimo. Uma das coisas boas é não ser derrotado pela realidade, por aqueles que acham que não há espaço para a magia e para o encanto. É preciso que a família e a escola estimulem o encantamento das crianças e dos jovens em relação ao bem. Jamais se pode aproximar a ideia de praticar o bem como sinônimo de ser otário. Como se ser despreendido, ter uma perspectiva de vida mais coletiva, fosse sinal de tolice.

Ser responsável pela formação de pessoas é assumir com honestidade de propósitos aquilo que se pratica. Portanto, se formo para o bem, a crítica e a responsabilidade irão nessa direção. Criticar é ser capaz de escolher o que se aceita e o que se rejeita. Se, em vez de formar, eu oculto a realidade, ou finjo que não é como é, o máximo que consigo formar é uma pessoa alienada. O discurso apocalíptico é o discurso da desistência. O pessimista é alguém derrotado antes que o combate comece. Paulo Freire já dizia: “É preciso ter esperança, mas tem de ser do verbo esperar, porque tem gente com esperança do verbo esperar, e, aí, não é esperança, mas pura espera”.

É extremamente triste quando alguns pais, mães, professores e professoras se acovardam diante da realidade e imaginam que não há alternativa. Porque isso contraria até uma capacidade humana. Uma das primeiras palavras que aprendemos a entender e a dizer é “não”. Somos um ser capaz de dizer “não” ao que parece não ter saída, de negar aquilo que sugere ausência de alternativa. Só pode dizer “sim” quem pode dizer “não”. Nenhum outro ser é capaz de dizer “não” de maneira consciente. Nós o somos. É preciso formar pessoas que digam “não” a um dos modos de o mundo ser, para que ele possa ser feito de outro modo.

Nossos filhos serão preparados de acordo com os valores que carregamos. Faz parte dos seus valores que seu filho não seja ingênuo? Então, não podemos prepará-lo ingenuamente: sair por aí abraçando as pessoas, abraçando árvores, oferecendo a face na hora da pancada. Mas também ele não vai sair praticando violências, porque existe gente violenta por aí. Ele tem de tornar-se alguém que resista à violência, em vez de ser seduzido por ela. As pessoas são pautadas pelos valores e crenças que carregam e também pelas atitudes da família.

Insisto: esse mundo que aí está foi feito por nós, portanto, pode ser por nós reinventado. Temos de formar pessoas nessa direção. O que me leva a aderir a um projeto de humanidade saudável? Faz bem para mim e faz bem para os outros. Essa lógica pode ser de uma ética consequencialista, em que vou avaliar a minha adesão pela consequência que trará, ou pode ser principialista, isto é, me conduzo de determinado modo por seguir os meus princípios. Tanto faz se ela é consequencialista ou principialista, o que vale é a inclinação positiva. Eu não quero fazer

por mero egoísmo, quero fazer porque também faz bem para mim. O bem para o outro feito bem para mim faz. E assim vivemos em paz.

Esse mundo que desejamos, de uma vida coletiva feliz, não é fantasioso, ele pode ter algo fantasiado, que é o imaginado, aquilo que somos capazes de projetar como desejo de futuro que nos faça crescer.

No âmbito da docência, imagino que ninguém seria professor se não tivesse um desejo — que é prazeroso — de fazer as pessoas aprenderem. Tenho grande prazer numa palestra ou numa aula quando percebo que a sala ou o auditório está extasiado. Há uma eroticidade também nessa convivência, isto é, me dá prazer, é gostoso fazer para as outras pessoas. Assim como é gostoso cozinhar para outras pessoas, ou escrever um bom texto; é gostoso ver alguém aprendendo, ver os filhos crescendo. Dá um prazer imenso. Às vezes se aproxima do egoísmo, do ponto de partida, mas trata-se muito mais de orgulho do que de soberba; é muito mais uma satisfação do que uma arrogância. É um erótico que não é sexual, é uma energia erótica vital, freudiana nesse sentido, em relação a fazer o bem.

Fazer o bem faz vibrar, dá prazer.